

Grecca quer abrir aeroportos e parque nacionais

Futuro ministro defende revisão de exigência para empresas aéreas

George Alonso

• SÃO PAULO. Abrir os aeroportos, os parques nacionais e criar uma legião de contadores de histórias em locais históricos e culturais. Essas são algumas idéias que o futuro ministro de Esporte e Turismo, Rafael Grecca, pretende pôr em prática ao assumir o cargo no segundo mandato do presidente Fernando Henrique.

Ex-pedetista, recém-eleito deputado federal pelo PFL com 226.654 votos, a maior votação de um parlamentar paranaense, Grecca reconhece que foi escolhido por influência de seu padrinho político, o governador Jaime Lerner, de quem foi secretário de Governo e de Planejamento. Ontem, não escondia sua satisfação com a escolha e dizia que seu ministério será o Ministério da Alegria.

— É preciso abrir os aeroportos. O Brasil mandou para Miami este ano uns 120 vôos charter e deve ter recebido cinco. É preciso rever a exigência de compensação das companhias aéreas.


Grecca defende a criação de mecanismos que aumentem o fluxo de turistas estrangeiros. As tarifas proibitivas são um dos aspectos que, segundo ele, prejudicam o turismo no Brasil.

Grecca conversará sobre parques com Sarney Filho

Grecca enfatizou que esse setor pode criar emprego e aventou a possibilidade de criar uma legião de contadores da história, por meio de um programa de capacitação profissional. Ele pretende facilitar o acesso dos turistas aos parques nacionais, especialmente para atividades esportivas. Grecca disse que esses parques não podem ser intocáveis e que conversará sobre o assunto com o futuro ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho. Esse tema certamente causará polêmica entre o ministro e entidades ecológicas. Grecca ressaltou que não há país no mundo com diversidade ecológica que possa atrair tanto os estrangeiros.

Em relação à área esportiva, ele disse que deverá montar um grupo de especialistas para articular políticas de incentivo.

— Hoje, a juventude tem uma cultura voltada para a morte, por meio da falsa modernidade do rock pesado. É preciso ter uma cultura da vida — disse. ■

		Documentação	
Fonte		O GLOBO	
Data		24/12/98	Pg 4
Class.		372	